

NA GLORIOSA, E FAUSTÍSSIMA

ACCLAMAÇÃO

DA

RAINHA

NOSSA SENHORA.

ODE

**A**S roupas aljofradas  
Veste, Musa, a colher voa do Pindo  
As flores matizadas;  
Depois as leves azas sacudindo,  
Os Astros transpassando,  
Vai brilhantes verdades espalhando:  
Febo nos horizontes  
Subjugando co' as rédeas diamantinas  
Os rubidos Etontes;  
D'altas Virtudés, d'alta Fama dinas,  
Pois que o Canto te inspira,  
Te afine as cordas da dourada Lyra.  
Sublime assumpto emprenhendes:  
Já d'entre os Lusos corações vaidosos

Os

Os tenues ares fendes:  
Nelles brilhão teus versos sonorosos;  
Erguer-te ás nuvens vejo  
Co' as pandas azas sobre o fulvo Tejo,  
Os olhos volve, Musa,  
A ver na terra de prazer banhada  
Gentil Matrona Lusa,  
Que a Fronte d'altas Torres tem croada,  
Immortal Fé jurando:  
Póvos, Heroes a vem acompanhando.  
He Lysia venturosa,  
Que a par dos filhos beija a Mão nitente  
Da RAINHA piedosa,  
Que alegre sóbe ao Throno refulgente,  
Cuja esplendida gloria  
Os Fastos encherá da eterna Historia,  
Porém, que resoantes  
Vozes ouço? Que objectos se divisão?  
Entre nuvens brilhantes,  
Que de agradaveis cores se matizão,  
Do Ceo, Hymnos cantando,  
Duas Deusas á terra vem baixando.  
Traz huma apavonadas  
Lucidas roupas, em que ondêa a trança,  
E occupa as mãos nevadas;  
Huma na Espada, outra na Balança:  
Com verde Palma erguida,  
A outra desce d'alva luz cingida.



Mas que horrído Dragão, cuberto em torno  
De verdenegras conchas, vai fugido  
Sobre déformes azas?  
Es tu, ó Crueldade sanguinosa,  
Pelo affanhado rosto te conheço.  
De que sulfureas chammas, envolvidas  
Em montanhas de denso, negro fumo,  
O limpido ar povôas, porque corres  
Que pélagos de sangue vais saltando!  
Vai, ó Monstro, acabar longe de Elysa.

Batâmos mais, ó Lira, as brancas pennas,  
Vamos seguindo a Deosa da Alegria:  
Em matizadas ondas  
Eis soltas brilhão já as Lusas Quinas.  
Ao rijo som de rispídos Tambores  
Eis já marchão as bellicas Fileiras.  
Grosso cardume de diversas gentes  
Se apinha sobre a dilatada Praça.  
Já tempestade de gostosos brados  
C'os nomes dos Monarcas sóbe ás nuvens.

Mas que estranho pavor me cala os ossos!  
Ao fero accento dos canhões, que troão  
Entre clarões fumosos,  
Parece-me sentir mexer as campas,  
Debaixo das quaes jazem soterrados  
Os Elyfios Heroes, raios da guerra!  
Eis apontão os Nunos, os Pachecos,  
Os Castros, os Menezes, os Andrades...  
Tremo de susto!... Que iracundos géstos!...  
Rebenta-lhes dos olhos vivo fogo!...

Cerrai-vos, ó sepulchros venerandos,  
Guardai, guardai em vós esses Athletas,  
Gloria, e honra de Marte,  
Que de terror, e pavor o Mundo enchêrão.  
Já delles não precisara amante Patria.  
A Heroína, que impunha o Luso Sceptro,  
Para longe affugenta deste Imperio  
As luctificas furias das batalhas,  
Que em volta de seus muros furiosas,  
Por estragos, e sangue rebramavão.

A alma, a candida Paz sobre elles vòs,  
Semeando sobre nós das alvas plumas  
Fertil messe de luzes,  
Mais do que as Apollineas scintillantes.  
Já as sombras da Discórdia não lhe embotão  
Do rosto as lindas cores, té os lenhos  
Na Tagitana aurifera planície  
Á Paz Templos levantão. Basta, ó Lira.  
Em thear d'ouros, vós, ó Febeos Cifres,  
Urdi dos Lusos Reis a Nobre Historia.

Rebenta-lhes dos olhos vno fogo!  
Tremo de susto!... Que machucados gestos!  
Os Castros, os Menes, os Andrades...  
Eis apontão os Nimes, os Pichcos,  
Os Elykos Heroes, raios da guerra!  
Debaixo das duces jaxem loterados  
Parece-me sentir mexer as campas,  
Entre claros humolos,  
Ao fero accento dos canhões, que troço  
Mas que esturro pavor me cala os olhos!